Tortona, 29 de agosto de 2017

**“Despertar o coração”**

Caríssimos Confrades,

Transcorreu mais de um ano desde a conclusão do 14º Capítulo Geral e é necessário continuar repercutindo o seu tema que retoma uma expressão de Dom Orione: ***“Servos de Cristo e dos pobres”.*** Com este tema – nós nos lembramos disso – se indicavam o interesse e o objeto central dos trabalhos capitulares, ou seja, a “*pessoa do religioso orionita”,* a sua identidade humana, espiritual e apostólica e a sua inserção no contexto cultural e eclesial atual.

Na fase de preparação toda a Congregação foi envolvida na reflexão e no discernimento, de modo que a contribuição de análise e de propostas que chegaram ao Capítulo foi, verdadeiramente, “geral”, fruto da efetiva participação de todos. E para favorecer ainda mais a compreensão da temática pertinente à pessoa do religioso, foi realizada uma “pesquisa sócio religiosa” que envolveu, também essa, através da internet, todos os Confrades. As conclusões foram expostas, durante o Capítulo Geral, pelo seu Coordenador, P. Vito Orlando, e foi considerada também por P. Amedeo Cencini, que sobre os resultados da pesquisa apresentou uma sua leitura pedagógica.

A sensação de todos, Capitulares e especialistas externos, ao avaliar os resultados da pesquisa, foi muito positiva, ainda que ela tenha revelado tantos desafios e tantas carências do nosso viver. Encontro a síntese destes pareceres na reação de P. Cencini que colheu os seguintes pontos de positividade: *“Pelo respiro muito amplo, verdadeiramente católico, eclesial e universal, que emerge do conjunto das respostas e propostas, fora daqueles mecanismos auto referenciais frequentemente subentendidos nestas operações. Pela vitalidade que manifesta o Instituto e a atenção ao hoje do mundo e da Igreja. Pela verdade com a qual cada um se exprimiu, o que é percebido nas observações também críticas e autocríticas.”* E conclui: *“Mas sobretudo a sensação positiva é ligada à imagem geral que emerge desta pesquisa: de um instituto no qual os dados positivos superam em grande escala aqueles problemáticos ou até mesmo negativos.”*

Entre os tantos dados recolhidos sobre pontos fundamentais da nossa vida, alguns com provocações importantes para o nosso presente e para o nosso futuro, eu concentro a atenção sobre um aspecto da pesquisa que nos interpelava sobre as reações que devemos ter e as estratégias que devemos adotar para enfrentar os desafios das mudanças: *“Hoje estamos imersos num processo de profundas e contínuas mudanças que nos interpelam sobre a nossa identidade de religiosos”.* Nessa situação, *quais recursos colocar em campo e quais atenções de cuidado devemos ativar para não nos encontrarmos despreparados perante o novo?*

O resultado da pesquisa, neste caso, deu algumas indicações importantes para sustentar a posição do religioso orionita, para mantê-lo “em pé”, num contexto de profundas e contínuas mudanças. Segundo o resultado da pesquisa, é fundamental: 1) *Reforçar a identidade carismática;* 2) *Cuidar do sentido de pertença à Congregação,* estreitamente ligado ao 3) *Cuidado com a renovação espiritual*.

Colhe-se imediatamente que são indicações relevantes e fundamentais. De fato, ter consciência da nossa identidade carismática é a condição para a afirmação do nosso lugar na Igreja, em vista de servir melhor o Povo de Deus na realidade atual de profundas mudanças. Isto quer dizer que quanto *mais orionitas* formos, mais estaremos em condições de dar uma contribuição à Igreja num mundo que muda continuamente. Mas o resultado deste quesito diz também que não se pode compreender a nossa identidade, sem o senso de pertença, entendendo-a, porém, com uma dupla referência: a pertença à Congregação (ligações afetivas e efetivas) e a “pertença ao Senhor”, pela qual nasce a insistência sobre o cuidado com a renovação espiritual.

As respostas revelaram que, além da atenção à identidade carismática e à dupla pertença, é essencial também estar atento em ativar estratégias e recursos que sejam capazes de *“despertar o coração”.* Mais de um terço dos confrades se pronunciou deste modo.

A mesma atenção foi solicitada também por algumas contribuições que chegaram das Províncias ao Capítulo, depois das várias fases de reflexão (pessoal, comunitária e provincial). Mesmo relevando o entusiasmo de “*muitos confrades que manifestam a alegria de ser orionitas e de servir o povo”,* as contribuições evidenciaram a necessidade de estarmos atentos a alguns sinais de insatisfação e de desânimo, de inércia e de inoperosidade, acenando também ao risco que alguns vivam um estilo de vida “acomodado”, às vezes com uma “aparência” de vida religiosa, feita de observâncias externas, que segue adiante, mas com um “coração apagado”. Chamou-se a atenção até mesmo sobre o risco de uma certa “*depressão espiritual”* por causa de uma *“espiritualidade decadente, decentralizada de Jesus”,* caracterizada por uma falta de paixão pelo Senhor, pela comunidade e pelo apostolado.

Recolhendo estes dados, os Padres Capitulares compreenderam que é “*particularmente urgente a atenção à humanidade do próprio religioso*” (cfr. 14CG, n. 5) e que tal “*atenção*” – refiro-me à Linha de Ação n. 1 – deveria ser concretizada especialmente através da decisão de colocar em prática “*uma formação permanente integral”* que dê a possibilidade de “*assumir e, quando necessário, curar a própria história e assim crescer na conformação com Cristo”.* E almejaram uma *“formação mais experiencial”,* não somente teórica ou informativa (dimensão cognitiva), mas que envolva toda a pessoa, de modo integral.

Para reforçar a necessidade de uma resposta a tais níveis, promovendo as dinâmicas da formação contínua, o resultado da pesquisa ofereceu um ulterior dado de muito peso e que nos faz refletir. É significativo que a maioria daqueles que consideraram importante insistir numa estratégia para ***“despertar o coração”*** sejam confrades entre os 6 e os 35 anos de profissão perpétua, prevalentemente na faixa dos 35 a 60 anos de idade, dos quais aqueles que são sacerdotes teriam entre 10 e 30 anos de ministério. Estamos falando portanto da assim chamada “segunda idade” da vida; de uma geração que já superou o período da formação inicial e também os primeiros anos do ministério, nos quais se começa a perceber o avançar da idade e talvez a diminuição daquele “intenso” entusiasmo juvenil; de uma geração condicionada por uma leitura menos ilusória da vida, que percebe mais facilmente algumas situações de dúvida vocacional e certos contextos de aridez espiritual, talvez com alguma experiencia de desânimo por causa da percepção da “*excessiva vastidão das necessidades e as limitações do próprio agir*” (cfr. Deus Caritas Est, 35). Por tudo isto, uma geração capaz de identificar **aqueles corações imersos mais no *sono* do que no *sonho***. Necessitados, portanto, de serem “**despertados**”.

***Amor est in via – O amor percorre sempre uma via***

Um *coração* imerso mais no *sono* do que no *sonho,* como é possível desperta-lo? Vamos partir da Palavra de Deus e de uma entrega do Capítulo.

A Palavra de Deus, proclamada quotidianamente durante o Capítulo, em particular na Santa Missa, modulou o ritmo dos trabalhos. Como não recordar, de fato, o texto do Evangelho da celebração de abertura, ao lado do corpo de Dom Orione (Mt 25: *Cada vez que vocês fizeram estas coisas a um só dos meus irmãos, fizeram a mim…*)? E o Evangelho do dia das eleições (Mc 10: *O Filho do homem veio para servir…*)? Ou aquele da Missa na Capela Santa Ana, quando, antes de encontrar o Papa, o Senhor nos alertou para o perigo de apresentar-nos como uma árvore sem frutos, mas cheia de folhas (Mc 11)?

Cada dia o Capítulo *nascia* da escuta da Palavra de Deus e *acolhia* o Evangelho como sua norma de vida (cfr. Verbum Domini, n. 83). E foi assim especialmente no último dia, na Capela do Paterno, em Tortona. A última palavra do Capítulo foi **a**Palavra de Deus, o momento em que o Senhor fez “*arder o nosso coração”* (cfr. Lc 24,32) entregando-nos um *ícone evangélico* para o pós-Capítulo. Era o X Domingo do Tempo Comum (Ano C) e o trecho do Evangelho era o encontro de Jesus com a viúva de Naim (Lc 7, 11-17).

Podemos deixar-nos inspirar **pelo *ícone evangélico* di Naim** para descobrir o segredo de um “coração sempre desperto” e certamente também o itinerário que podemos percorrer, feito de conteúdos e condições, para “despertar o coração”, nosso e de outros. Portanto, fixemos o olhar em Jesus, observemos a sua humanidade que é, como dizia Santo Agostinho, *“a via a ser percorrida para alcançar a meta que é a sua divindade”* (cfr. S. Agostinho, Homilia 42 n. 8). Em tal itinerário proponho que nos deixemos guiar interiormente por estas questões: Por que o coração de Jesus está sempre “desperto”? Por que o Seu coração é “*um coração que vê*”? (cfr. Deus Caritas est, n. 31).

No início da narração do episódio de Naim encontramos já uma indicação para a resposta. Lucas, em todo o seu Evangelho e, particularmente no texto em questão, apresenta Jesus como um “coração” em caminho, em movimento, que jamais está parado. Se nos colocamos a imaginar como era a jornada de Jesus, “*lendo os Evangelhos podemos dizer que a maior parte do tempo na estrada. Isto quer dizer proximidade das pessoas, proximidade dos problemas. Não se escondia*.” (Papa Francisco, a Genova, 27/05/2017). Por causa deste Seu estilo, a estrada era, frequentemente, o lugar das surpresas de Deus, dos encontros inesperados e não programados, mas sempre transformada num “espaço” de salvação, de “decisão vocacional”, ou seja, de evangelização. A estrada era sempre “missionária”. De fato, se perguntamos sobre o “porque” deste modo de comportar-se de Jesus ou se, mais especificamente, perguntamos o que o motivava a ir na direção de Naim, encontraremos a resposta indo mais adiante no texto de Lucas, detendo-nos no capítulo 8, versículo 1, que diz: *“percorria cidades e povoados* (habita a estrada) *proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus”.* Portanto, não existe uma motivação que diz respeito à destinação geográfica. A Sua “agenda” era uma “orientação” (Uma pessoa “orientada”! Orientalização, na direção do *oriente,* de onde nasce a luz!). O Seu “coração” era uma “paixão”. Empenhava todos os Seus afetos e todo o Seu desejo num único conteúdo: anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus. E sempre “na estrada” porque “*Amor est in via*, *recordava São Bernardo,* ***o amor percorre sempre uma via, o amor está sempre a caminho****.”* (Papa Francisco aos Capitulares, 27/05/2016).

Na sequência, o Evangelista informa que os passos de Jesus pararam diante da porta da cidade de Naim. Mas o Seu “coração” não! Ele continua a mover-se interiormente e tal movimento é intensificado por uma situação que o Seu olhar colhe imediatamente. É impressionante a descrição da cena. De um lado, com Jesus, “*os discípulos e uma grande multidão”* (Lc 7,11), do outro lado, “*uma grande multidão da cidade acompanhava a mãe viúva*” (Lc 7,12). Imaginamos justamente tanta gente, todavia o olhar de Jesus distingue imediata e prioritariamente a mãe sofredora. Tem olhos somente para ela, como se fosse a única presença no cenário: “*Ao vê-la, o Senhor encheu-se de compaixão por ela*” (Lc 7,13). Eis “*o homem de olhar penetrante*” (Nm 24,3), o Senhor tem olhos e vê como ninguém mais e, por isto, a mãe viúva entrou no seu coração. Naquele olhar, de mínima duração, o Senhor fez uma “lectio umana” do corpo sofredor da mãe de Naim. E é por isto que se torna não só um “apaixonado”, mas também um coração “com-paixonado”. De fato, reza uma máxima da idade média, “*Ubi amor, ibi oculus”* (“onde existe amor, ali existe a capacidade de ver")*.* Para Lucas, no trecho de Naim, também a frase invertida é verdadeira: “*Ubi oculus, ibi amor*”.

Bem sabemos que a “compaixão” é uma palavra muito cara a Lucas. Aqui, no trecho de Naim, este sentimento se exprime de modo “relacional” provocando o renascimento e o despertar da vida nas pessoas envolvidas. O coração da mãe se transforma, desperta quando a luz dos seus olhos em lágrimas encontra a luz dos olhos de Jesus. Sente a proximidade de Deus (Teria dito com Lc 1,68: “*Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e libertou o seu povo!*”). Mas é sobretudo o jovem a transformar-se, a ressurgir e a retomar a faculdade de comunicar e de se relacionar. Lucas diz somente: “*o que estava morto sentou-se e começou a falar!”.* Mas o que teria dito? Quais as suas primeiras palavras. Com todo o seu coração, deve ter dito simplesmente: “*Obrigado!*” e talvez teria acrescentado: “*Estava morto e tornei a viver*” (Cf. Lc 15,32). Finalmente, também para Jesus, o fato de olhar o rosto cheio de lágrimas da mãe e o corpo inerme do jovem, se torna uma ocasião de transformação, de despertar, de conversão, “*no sentido de ajuda-lo a focalizar com mais clareza a sua própria vocação di Kyrios cheio de compaixão, o enviado de Deus*”. (In: Nicoletta Fusaro, Con-Passione, Ed. Cittadella, p. 128)

Existe um outro aspecto neste *ícone evangélico* que merece ser sublinhado. Quando Jesus, na porta de Naim, observa que “*levavam um morto para enterrar, um filho único, cuja mãe era viúva*” (Lc 7,12), percebeu imediatamente uma situação de “desordem” que deveria ser curada. Está “fora de ordem” que uma mãe sepulte o seu filho. A ação de Jesus, então, é destinada a “colocar ordem”, a “reordenar”, a restabelecer a harmonia original da criação (É verdade que o jovem restituído à mãe voltará a morrer, mas que não seja antes dela!). Tudo acontece como “no princípio”, no capítulo 1 do Gênesis, quando o caos foi ordenado por uma palavra divina. Como naquele instante, “Deus disse”: “Levanta-te!”, que significa “Desperta!”.

À porta da cidade de Naim dois cortejos se encontram. A respeito do cortejo de Jesus e dos discípulos se informa solenemente que os participantes “caminhavam”, “iam com Ele”. Ao contrário, sobre o outro cortejo, se diz simplesmente que “levavam um morto para enterrar”.

Os dois cortejos são uma metáfora da nossa vida. **Não raramente cabe a nós decidir a qual dos dois participar**. Aqueles que tem o “*coração desperto*” acompanham Jesus, estão “em caminho”, em movimento com e como Ele. Participam a este cortejo também aqueles que “*em certos lugares”* eram conhecidos como “*os padres que correm, porque eram vistos sempre em movimento, no meio do povo, com o passo rápido de quem tem pressa.*” (cfr. Papa Francisco, Aos Capitulares, 27/05/2016).

***Um coração sem fronteiras***

Ao *ícone evangélico* de Naim poderia corresponder, para nós, o *ícone orionita* do episódio da confissão do matricida. Certo, não é fácil selecionar na vida de **Dom Orione** – dada a profusão – um único fato para demonstrar o seu “*coração sempre desperto”,* “*sempre inclinado”* sobre as necessidades do próximo, ou para identificar “*a pacata ternura do seu olhar*” como registrou Ignazio Silone. Todavia, o encontro com o matricida arrependido sobre a estrada que vai de Castelnuovo até Tortona se tornou altamente simbólico.

A história, narrada diversas vezes por Dom Orione, é bem conhecida e aconteceu depois da vivaz pregação de uma missão em Castelnuovo. “*Uma noite falei sobre a confissão –* diz Dom Orione. *Depois – jamais tinha pensado nisso – o Senhor colocou sobre os meus lábios este pensamento: - Atenção – eu disse – a misericórdia de Deus é tão grande que, mesmo que um de vocês tivesse colocado veneno na tigela de sua mãe, se está arrependido, existe misericórdia também para ele. – Confessei até uma hora da manhã. Estava tão cansado (...). Parti de Castelnuovo para voltar a pé para Tortona. (...) Num certo ponto da estrada vi uma sombra escura, um homem com um manto no ombro, parado, olhando na minha direção. (...) Quando me aproximei dele: Boa noite, caro homem; o sr. vai para Tortona? – Não, estava esperando pelo senhor... - Escuta um pouco: o sr. disse na pregação que se alguém tivesse colocado veneno na tigela de sua mãe, existe misericórdia também para ele? – Sim.... – O sr. acredita mesmo no que disse? Sim, meu filho, disse e acredito. – Padre, escuta-me, sou eu, sabe? Sou eu aquele tal!”* (Parola XI, 234-235). *“Ajoelhou-se e depois se confessou, chorando, e eu lhe dei a absolvição; depois se levantou e me abraçava e apertava, sempre chorando, e não conseguia largar-me, tanta era a consolação da qual era inundado. Também eu chorei e o beijei na fronte e as minhas lágrimas se confundiam com as suas. Quis acompanhar-me até quase Tortona e, somente pela minha insistência, voltou finalmente para Castelnuovo, e eu continuei a minha estrada com uma grande consolação, com uma alegria no coração que jamais provei na minha vida (...). Cheguei em Tortona todo molhado; naquela noite eu tirei os sapatos e joguei na cama, se sonhei... Que coisa sonhei? Sonhei o Coração de Jesus Cristo; senti o Coração de Deus, quanto é grande a misericórdia de Deus.”* (Don Luigi Orione e la Piccola Opera della Divina Provvidenza. V. III, p. 124).

A exemplo de Cristo, a “estrada” é, também para Dom Orione, o lugar das “surpresas de Deus”, o lugar dos “encontros” e da “salvação” reencontrada, o lugar onde o “coração dormente” de um pecador se desperta por causa da acolhida da parte de um “coração cheio de Deus”.

É totalmente “providencial” este encontro, divinamente providencial! De fato, é a Divina Providência a marcar o encontro entre o santo e o pecador naquela beira de estrada. E assim, em Dom Orione se realizou “*a união dos extremos*”, um milagre que somente a misericórdia divina poderia executar: *a pessoa* [de Dom Orione] *era o ‘lugar’ de encontro entre Deus misericordioso e a alma de um pecador”* (Paolo Clerici, Don Orione Un volto misericordioso della Misericordia di Dio).

Parece quase sem alguma originalidade – dada a cristalina coincidência – dizer que Dom Orione recolhia em si mesmo o dinamismo e o estilo que Papa Francisco pede, hoje, a todos nós. E foi o próprio Papa Francisco a aproximar-se, recentemente, do nosso Fundador, citando o seu nome num discurso ao clero e aos consagrados da diocese de Genova, durante a Visita Pastoral. Era o dia 27 de maio de 2017. Ao apresentar os critérios “*para viver uma intensa vida espiritual*” (era o argumento da pergunta de um sacerdote diocesano) o Papa sigilou com uma expressão do nosso Fundador um estilo de vida, um dinamismo que mantém o coração constantemente ativo. Quase uma “exegese” do episódio do matricida.

É longa a resposta do Papa Francisco, ritmada com pausas de silencio, sublinhando conceitos, servindo-se também de imagens e exemplos do cotidiano. O critério fundamental para “*viver uma intensa vida espiritual*” – disse já no início, partindo com clareza – é “*imitar o estilo de Jesus*”. E como era este estilo? – interroga o Papa. “*A maior parte do tempo Jesus passava na estrada. Isto quer dizer proximidade das pessoas, proximidade dos problemas. Não se escondia. Mas, à noite, muitas vezes escondia-se para rezar, para estar com o Pai.”* Eis o dinamismo equilibrado do “coração sempre desperto”: manter a harmonia entre o “não se esconder do povo” e o “esconder-se para a oração”. Estar *“sempre a caminho”*, como Jesus, comporta o risco de estar *“exposto à dispersão, a ser ‘fragmentado’.”* Mas admoesta o Papa: “*Não devemos ter medo do movimento e da dispersão do nosso tempo. O maior medo no qual devemos pensar, que podemos imaginar, é uma vida estática (...) Tenho medo do* [religioso] *estático. Tenho medo. (…) O* [religioso] *que tem tudo planificado, tudo estruturado, geralmente está fechado às surpresas de Deus e perde aquela alegria da surpresa do encontro. O Senhor conquista-te quando não esperas”.* Por isto, *“Um primeiro critério é não temer esta tensão que nos cabe viver: estejamos na estrada, o mundo é assim. (…) Um coração que ama, que se entrega, sempre viverá assim”.*

Um outro critério, ainda segundo o Papa, é impostar a vida na prospectiva do *encontro*: “*Tu,* [religioso], *encontras-te com Deus, com o Pai, com Jesus na Eucaristia, com os fiéis: encontras-te. (…) Permanece em silencio* [diante do Senhor]*, ouve o que diz, o que te faz sentir… Encontro. E com as pessoas é a mesma coisa. (…) Deixar-se cansar pelas pessoas: não defender demasiadamente a própria tranquilidade.”* E conclui com a menção ao nosso Fundador: *“o* [religioso] *que conduz uma vida de encontro, com o Senhor na oração e com as pessoas até o fim do dia, está ‘dilacerado’,* ***são Luís Orione dizia ‘como um trapo*.”**

Exatamente assim, “como um trapo” nas mãos da Divina Providência. O episódio do matricida mostra que Dom Orione é, para nós e para o Papa Francisco, modelo de encontro (no caminho de Castelnuovo “*vi um homem… Quando me aproximei”)*, homem de tabernáculo (“*o Senhor colocou nos meus lábios este pensamento”)*, homem da estrada (“*Parti… A um certo ponto da estrada…”*), homem que sabe escutar (“*Confessei até 1 hora. Estava tão cansado*”). Tudo concentrado no episódio do matricida que revela ainda um outro particular ao qual o Papa está muito atento. Dom Orione é também o “homem das lágrimas” (“*me abraçava e apertava, sempre chorando... Eu também chorei e o beijei na fronte e as minhas lágrimas se confundiam com as suas*”).

Pode parecer estranho e, para alguns, também um pouco atípico, dar-se conta que Papa Francisco insista sobre o tema do choro e das lágrimas: “*Jesus no Evangelho chorou (…) Chorou no seu coração quando viu aquela pobre mãe viúva que levava ao cemitério seu filho (…). Se vocês não aprenderem a chorar não são bons cristãos.*” (Discurso aos jovens, Manila, 18/01/2015).

São muitas as referências em tal sentido, verificadas especialmente quando está falando ao clero e aos religiosos. “*Quando a um religioso se secam as lágrimas, tem alguma coisa que não funciona*”, disse ao clero e aos religiosos de Nairobi (26/11/2015). Significa que o religioso perdeu “*os sentimentos de Jesus (cfr. Fil 2,5)”* e o seu coração, “*com o passar do tempo”*, se endureceu e se tornou “*incapaz de amar de modo incondicional o Pai e o próximo”.* E adverte: *“É perigoso perder a sensibilidade humana necessária para chorar com aqueles que choram e alegrar-se com aqueles que se alegram!*” (cfr. Discurso à Cúria Romana, 22/12/2014). Por isto a interrogação: “*Diga-me: Tu choras? Ou perdemos as lágrimas? (…) quantos de nós choramos perante o sofrimento de uma criança, perante a destruição de uma família, perante a tanta gente que não encontra o caminho?… O choro do* [religioso]*… Tu choras? Ou* [nesta Congregação] *perdemos as lágrimas?”* (Discurso aos párocos, 06/03/2014).

Dom Orione, com a sua vida, deu uma resposta a estas perguntas: “*Amor das almas, Almas! Almas! Escreverei a minha vida com as lágrimas e com o sangue!”* (25/02/1939). Toca a nós “***Ser Dom Orione, hoje”.***

***Progressiva – contínua e permanente – assimilação dos sentimentos de Cristo***

 Qual síntese depois deste percurso de reflexão que partiu da necessidade, notada na fase de preparação ao Capítulo, de ativar estratégias e recursos que sejam capazes de “*despertar o coração*”?

 Ao escrever estas páginas, me deixei levar, numa pausa de tempo, por uma curiosidade. *Nunca ouvi falar de tumor do coração!* E fui consultar a internet para verificar, descobrindo que os tumores que tem origem neste órgão vital, na verdade, existem, “mas são muito raros”. E a causa de tal baixa incidência– sempre resposta encontrada na internet – “poderia estar na contínua atividade do músculo cardíaco”.

 Um “coração” em movimento contínuo, permanente, do qual o trecho evangélico de Naim e o episódio do matricida são símbolos de um estilo de vida de Jesus e de São Luís Orione. São dois adjetivos – **contínuo e permanente** – que normalmente colocamos ao lado do substantivo “formação”: Formação Contínua - Formação Permanente.

 **Penso que é esta a síntese: o “despertar do coração” é um processo contínuo, permanente, alcançável através da opção estratégica de dar prioridade a uma “*formação que nos leve a ter os mesmos sentimentos de Cristo”*** (14CG, n. 2). Todavia, “*É óbvio que um projeto assim implica um processo formativo que não pode reduzir-se aos anos canônicos da formação inicial; o que abraça toda a personalidade não pode senão estender-se por toda a vida, uma totalidade evoca a outra, ou seja, se se quer atingir e mudar o coração é preciso um trabalho constante, sem interrupção alguma”.* (A. Cencini, Il caso serio della formazione continua… In: Sequela Christi 2016/01 Vol. 2, p. 132).

Infelizmente, parece que também a nós “*Falta uma cultura sobre a importância da formação permanente, considerada mais como atos isolados que não como um caminho contínuo que interessa toda a vida do religioso*”. Foi a conclusão de um dos grupos formados durante o Capítulo para analisar as contribuições que chegaram das Comunidade, depois da escuta da reflexão dos especialistas.

Trata-se, portanto, de dar particular atenção à Linha de Ação n. 1 que pede para “***Colocar decididamente em prática uma formação permanente integral***…” na certeza que “*a formação é verdadeiramente contínua* [permanente] *somente quando é ordinária, e acontece na realidade de cada dia.*” (CIVCSVA, Para vinho novo odres novos, n. 35c).

Nesta mesma direção as nossas Constituições, no artigo 111, indicam o itinerário que deve ser colocado em prática: *“Para tornar realidade a formação contínua apreciemos primeiramente os meios ordinários aptos a conseguir o crescimento individual e comunitário. Tais são: - a prática da direção espiritual; - a fidelidade à meditação e à leitura espiritual cotidianas, ao retiro mensal e à revisão de vida; - o diligente estudo dos documentos da Igreja; - uma escolha cuidadosa das leituras pessoais.*”

Será importante, também, *“aprender principalmente a se fazer formar pela vida cotidiana, pela sua própria comunidade, por seus irmãos e irmãs, pelas coisas de sempre, ordinárias e extraordinárias, pela oração bem como pela fadiga apostólica, na alegria e no sofrimento, até ao momento da morte”*. (CIVCSVA, Partir novamente de Cristo, n. 15).

**Conclusão**

Ao apresentar o documento do 14° Capítulo Geral eu escrevi que *“o sucesso do Capítulo não será medido pelas palavras escritas, mas pela capacidade e disponibilidade de deixar-se envolver pessoal e comunitariamente pelo espírito das linhas de ação propostas*”.

Em tal sentido é verdadeiro o que escrevia Don Roberto Simionato, depois da experiencia de dezessete anos de Cúria, numa das suas últimas Circulares: “*A transformação não é produzida nem por uma Circular, nem por uma Visita Canônica, nem pela reforma das Normas. Certas coisas não podem ser alcançadas por alguma ação de governo. Estão fora do comando, da animação. Dependem da livre decisão de cada um.*” (cfr. Atti n. 212, p. 204).

Nenhuma transformação por “força de lei”, mesmo se canônica ou porque emanada pelo Capítulo Geral, a “*suprema autoridade na Congregação*” (Const. Art. 138). Depende “*da decisão de cada um*” de querer combater o mal mais forte e potente que poderia nos atingir. Don Flavio Peloso, na sua primeira circular em outubro de 2004, identificou aquele mal assim: “*A indiferença, o tédio, o cardiograma monótono dos sentimentos e dos ideais de vida. Sim, a indiferença é o inimigo número um a ser combatido em si mesmo e no apostolado.*” (cfr. Atti n. 214, p. 100).

O motorista que viaja guiado por um “GPS automotivo” – seja-me permitido este exemplo – sabe que não basta inserir a destinação e ver a hora, calculada e programada, de chegada. Se não decide partir ou se para além do normal ou se encontra congestionamento e tráfico intenso, a hora de chegada será sempre alterada para frente. Por isso, não basta programar, é necessário decidir colocar-se no caminho, inserir-se no dinamismo do encontro com Deus e com o povo.

**Dom Orione está no caminho conosco. No caminho, deseja “despertar o nosso coração”** como fez ao escrever para P. Pierino Migliore em 1936, e na forma plural, como se destinasse a sua exortação a todos os seus filhos: “*Não podemos permanecer mais indiferentes e apáticos, mas devemos corresponder a tanta graça de Deus. Porém eu tenho necessidade, filhos meus, de ser entendido, de ser seguido, de ser apoiado e, direi até isso, de ser superado. Não tenho necessidade de gastar as minhas últimas energias para reanimar vocês, para arrastar vocês com a força de quatro bois: não tenho necessidade de encontrar em vocês pessoas mortas antes de morrer, mas pessoas vivas, de espírito ardente de bem, de coração grande, prontos a qualquer sacrifício por Cristo, pela Igreja, pelas almas”.* E mais adiante na mesma carta, dando notícias de suas atividades na Argentina: *“Aqui, graças a Deus, tudo caminha: não fiquem parados e imóveis vocês: a Sagrada Escritura diz uma coisa muito importante, meus caros, quando nos diz que a mulher de Lot, porque parou, e, ao invés de olhar para frente, olhou para trás, se tornou uma estátua de sal. «Non progredi, regredi est.» Eu não quero estátuas na Congregação, mas pessoas vivas e que caminhem para frente, olhando para o alto, para Deus! (…) Charitas Christi urget nos! A caridade, o amor, isto é, amor de Deus e do próximo, nos persegue! Animo, ó filhos meus!”*(Scr 29, 267-268).

O coração de Dom Orione! Não se adormenta jamais. Nem se imerge no *sono.* Mas *sonha*! Depois do encontro com o matricida *eu continuei a minha estrada com uma grande consolação, com uma alegria no coração que jamais provei na minha vida. Cheguei em Tortona todo molhado; naquela noite eu tirei os sapatos e joguei na cama, se sonhei... Que coisa sonhei? Sonhei o Coração de Jesus Cristo; senti o Coração de Deus, quanto é grande a misericórdia de Deus.”*

A Dom Orione que tem o “*coração sempre desperto*”, a palavra final: *Ânimo, ó meus filhos!*

P. Tarcisio Vieira